

O QUE ACONTECE QUANDO NADA PARECE ESTAR ACONTECENDO?

Michela Tuchapesk da Silva¹

Resumo: Buscando mobilizar conceitos foucaultiano como ‘autonomia’ e ‘cuidado de si’ por meio de seus usos, no caso, nas práticas e táticas escolares de professores de Matemática, apresentamos uma estrutura-escola aparelho de Estado na qual se configura espaços estriados, homogêneos, com permanentes processos de subjetivação e engendramento de linhas de forças. Visando a necessidade de lutas, resistências, caminhos outros para que o professor não se deixe capturar pela Máquina de Estado durante sua vida profissional, vislumbramos a prática da *parrhesía*, condição no governo de si e dos outros.

Palavras-chave: Filosofia da Diferença; processos de subjetivação; Educação Matemática.

Visibilidades de uma escola

Pois as visibilidades, por sua vez, por mais que se esforcem para não se ocultarem, não são imediatamente vistas nem visíveis. Elas são até mesmo invisíveis enquanto permanecermos nos objetos, nas coisas ou nas qualidades sensíveis, sem nos alçarmos até a condição que nos abre (DELEUZE, 2005, p. 66).

Fer: *O sinal bateu? Ih! ... está todo mundo cansado, estressado, sem vontade mesmo ... então a gente vai adiando, de minutinho, em minutinho ... parece uma contagem regressiva ... pra que nunca chegue a hora de entrar na sala de aula ... e com os alunos é a mesma coisa... todo dia a gente fica esperando até eles entrarem....*

Vivi: *Vocês perceberam? Antes de entrar na sala de aula estamos contentes, rindo... mas quando chegamos na porta da sala ficamos sérios, bravos... porque vai ser o mesmo dia ... a mesma bagunça...quem tem vontade de trabalhar assim?*

James: *É sempre assim ... os alunos ficam no pátio até que alguém diga para eles irem para a sala....e ainda você ouve: “Fulano que mandou entrar, eu ia ficar lá até a segunda aula”.*

Mas outro dia nós ouvimos a fala da coordenadora quanto à dificuldade para trazer os alunos evadidos de volta para escola (isso porque a nota do SARESP² é influenciada negativamente com o índice de evasão). E ela enfatizou que os professores tinham que colaborar com esses alunos. Agora, como a direção vai mandar esses alunos de volta para casa?

Éder: *... todo mundo sabe que os alunos frequentam a escola só pra ter o diploma e muitos, já no primeiro bimestre, fazem transferência para a sala da EJA³... assim concluem mais rápido ...*

Eu conversei com alguns alunos do sétimo ano... um deles falou que sempre chega na segunda aula ... eu perguntei: “Por que você vem pra escola?” Ele disse: “Porque todo mundo vem pra escola!” ... é natural vir pra escola...

¹ Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro. E-mail: mtucha@yahoo.com.br.

² Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.

³ Educação de Jovens e Adultos.

James: *É natural não dar aula quando tem pouco aluno... deixar os alunos à toa na escola... não ter aluno na sexta-feiraOutro dia havia 4 alunos na sala... eu falei: “Peguem o caderno e ...” ... os alunos disseram: “Como assim? Você vai dar aula hoje? Pra quatro alunos?”... e se eu tivesse marcado prova ... até os professores me criticariam ... porque pra maioria escola boa é escola sem aluno*

Vivi: *...mas eu cansei...outro dia eu entrei, apaguei a lousa, coloquei o conteúdo e comecei a explicar... e os alunos lá fora ... fechei a porta... mas aí a consciência pesou ... pedi para um aluno ir chamá-los ... mas não adiantou ... saí.... quando viram que eu estava chegando perto da direção... entraram correndo na sala.*

Lucinéia: *Aqui o professor não tem voz ... tudo é a direção ... eu não consigo dominar a sala de aula... outro dia fiz uma atividade com lógica Matemática ... os alunos curtiram ... e davam risada ... aí a diretora apareceu e pediu silêncio...Se vamos na informática escuto: “Ah, não! Matemática no computador é chato!”.*

Pati: *Se eu contar ninguém acredita ... mas o lugar que eu mais gostava dessa escola era o banheiro das professoras...lá eu me sentia bem...depois eu descobri atrás da quadra umas árvores...nas atividades pedagógicas... eu pego um livro e fico ali o tempo todo.*

Lucinéia: *Pati, eu também procuro essas fugas... mas eu sempre uso o celular com foninho ... ouço música ... A sala dos professores é um lugar desagradável... sem ética... já ouvi até da diretora que a escola é uma instituição falida ... como enfrentar uma sala de aula depois de ouvir isso?*

Altair: *Não me sinto bem nessa escola...me sinto preso....como se não quisesse estar aqui ... por causa das pessoas...dos professores...dos sétimos anos ... não quero ir pra essas salas...eu tenho vontade de ficar dormindo... é tanta falta de educação... Você aceitaria uma criança colocar o dedo na sua cara? ... esses dias eu quase “perco a cabeça” ... se eu pudesse dar “uma só”... pra aprender a respeitar.... É tanta coisa atravessada ... tem os caderninhos⁴ ... eu não uso... eu finjo que uso... vou enrolando a coordenação.*

Lucinéia: *Eu também não uso ... mas eu não me sinto bem não cumprindo as regras ... se fosse um currículo que a gente realmente consegue trabalhar... porque é impossível tornar interessante algo que não te agrada.*

Pati: *Eu não gosto de dar aula, essa coisa de aluno não querer aprender, professor ganhar mal, governo não investir na educação ... não me agrada ... ser professor hoje não dá em nada, não leva a lugar nenhum e não faz a menor diferença na vida de ninguém.*

A conversa acima compõe parte da produção de dados de uma pesquisa de doutorado concluída⁵ que se apropriando da Filosofia da Diferença e do método da cartografia – mapeamento da subjetividade humana – realizou, no período de um ano, encontros semanais com alguns professores de Matemática de uma escola pública do interior do Estado de São

⁴ Os ‘caderninhos’ foram implantados em 2007 nas escolas da rede pública estadual de São Paulo com o objetivo de unificar o currículo pedagógico.

⁵ SILVA, M. T. A Educação Matemática e o cuidado de si: possibilidades foucaultianas. 2014. 192f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Matemática. UNESP, Rio Claro, 2014.

Paulo. Nesses encontros, conduzidos pelo campo coletivo de forças, conversamos sobre **situações escolares de interesse dos professores**.

Contudo, a tese tratou especificamente de mobilizar o conceito de ‘autonomia’⁶ e ‘cuidado de si’⁷ por meio de seus usos, no caso, nas práticas e táticas escolares dos professores de Matemática. Dessa forma, uma estrutura-escola é apresentada e em meio a ela percorremos alguns questionamentos, tais como: Os professores tomam decisões autônomas, ou seja, decididas por ele? Os professores têm controle das suas práticas e táticas escolares? Há resistências nas escolas? Há possibilidades de desterritorialização na escola? É possível uma escola rizomática, que agencia seus componentes?

Nota-se a escola como aparelho de Estado, configuração de espaços estriados, homogêneos, engendramento de linhas de forças e permanente produção de subjetivações. Portanto, a necessidade de novos tipos de relações na escola, bem como a possibilidade de **praticar resistências, lutas**, caminhos outros, escolas outras, romper com as linhas imaginárias do poder e saber, criar linhas de fuga aos mecanismos de controle. **Criar a dobra**. Luta constante, diária, contra as subjetivações indesejadas, prática do sujeito autônomo que controla o poder que age sobre ele. Pois, o problema “[...] não é o de tentar liberar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas de nos liberar, a nós, do Estado e do tipo de individualização que a ele se vincula. Devemos promover novas formas de subjetividade” (GROS, 2010, p. 491).

O sujeito autônomo, livre, só aceita as forças que ele deseja. Assim, as subjetivações são auto afetações que ele deixa passar, as que ele não deixa ele verga, rejeita. A dobra do fora é a possibilidade de resistir, de vergar forças que não o interessam. Essa é uma prática, um exercício do cuidado de si, um processo coletivo, que não é isolado é único e com os outros.

Devemos produzir **professores outros, autônomos, nômades**, máquinas de guerra transformando espaços estriados em lisos. Professores que resistem e lutam contra a captura da máquina de Estado. Professores com “[...] capacidade de se converter em linha de abolição” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 33).

Fingir, não usar o caderninho, adiar a entrada na sala de aula, habitar espaços abertos, são ações, talvez desejos, se constituindo como rotas de fugas, possibilidade de territórios outros. Mas, tais ações vergam para onde? Qual ‘cuidado’ o professor de Matemática tem com ele mesmo? É um cuidado de si que se conhece e se governa?

Para governar a si mesmo é preciso resistir, lutar, ocupar e manter espaços lisos, é necessário olhares outros, ver o não oculto, exercitar a visão háptica mais do que óptica. Contudo, essas ações e relações verbais com os outros e consigo mesmo, estão constituídas na noção fundamental de **parrhesía**, entendida como “fala franca”, verdadeira. Ou seja, governar a si mesmo é ser ético consigo é ter coragem de dizer e viver sua verdade.

Portanto, preocupados com a formação, a profissão e o território escolar **vislumbramos o professor parrhesiástico**, que alcança a condição de sujeito livre e rejeita a imposição de formas de ordem e modos de ser.

Referências

DELEUZE, G. *Foucault*. 8. ed. Tradução de Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005. 142 p.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 506 p.

⁶ FOUCAULT (2010).

⁷ FOUCAULT (2010).

GROS, F. Situação do curso. In: FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 457-493.

SILVA, M. T. *A Educação Matemática e o cuidado de si: possibilidades foucaultianas*. 2014. 192f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação Matemática, UNESP, Rio Claro, 2014.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro, 2004. 66 p.